

Para analista, círculo vicioso ameaça o País

Fuga de capitais alimenta crise, que por sua vez aumenta o temor dos investidores

NOVA YORK – A maior ameaça que o Brasil enfrenta neste momento é um círculo vicioso para o qual o País tem poucas opções. Essa é a opinião do economista para mercados emergentes do Banco HSBC, David Lubin. Segundo ele, a elevação da relação dívida/PIB de 55,9% em maio para 58,6% em junho, causada exclusivamente pela depreciação do câmbio, aumenta os temores do mercado em relação à solvência do País.

“Esses temores podem precipitar uma fuga de capitais, e, portanto, a crise de solvência se torna auto-alimentável”, afirmou Lubin. A ameaça desse círculo vicioso deveria, em princípio, aumentar a disposição do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Tesouro americano em considerar um pacote financeiro maior para o Brasil neste ano. “Mas o FMI tem o seguinte dilema: a) o governo americano já está sem entusiasmo para socorrer o Brasil; e b) seria muito arriscado negociar um acordo com o Brasil quando ainda não está totalmente claro qual o presidente que efetivamente implementará o acordo”, explicou o economista.

O problema agrava-se pelo fato de que os dois candidatos na liderança da disputa para presidente (Lula e Ciro Gomes) são os que parecem menos comprometi-

dos com um acordo com o FMI, ressaltou o analista. Para Lubin, diante da situação atual do mercado, só há duas alternativas: elevar o superávit primário (hoje já em 3,75% do PIB) ou uma melhora espontânea do apetite ao risco dos investidores internacionais.

“O problema com um aumento do superávit primário é que ele não afetaria muito positivamente a confiança dos investidores, pois o Brasil já está em recessão e um maior aperto fiscal poderá comprometer as perspectivas de recuperação econômica”, observou Lubin, lembrando ainda que um aperto monetário também não estabilizaria a situação. “E o apetite ao risco dos investidores globais deverá permanecer fraco.”

Já o gestor de fundos para mercados emergentes do Oppenheimer Funds, Ruggero de Rossi, alerta que “os investidores estão na porta para sair do País”. O Oppenheimer Funds reduziu suas aplica-

ções em dívida brasileira de US\$ 450 milhões em janeiro deste ano para apenas US\$ 60 milhões atualmente.

Segundo Rossi, os investidores estrangeiros estão preocupados com a situação do mercado financeiro brasileiro. “A situação é crítica. A fuga de capitais é o que mais preocupa, pois os fluxos de saída ainda não são grandes, mas estão crescendo. Isso aumenta o medo de que o Brasil enfrente uma séria crise de balanço de pagamentos antes mesmo das eleições.” Ele acredita que o Brasil passa por

sua fase mais vulnerável.

“A ascensão de Ciro Gomes nas pesquisas eleitorais é o pior cenário possível para os investidores estrangeiros”, explicou Rossi. Para ele, uma nova ajuda do FMI poderia reverter a deterioração rápida da confiança dos mercados. (F. A/AE)

‘BASIL
PASSA POR
SUA FASE MAIS
VULNERÁVEL’